



A CIDADE DE SANCTA MARIA DE BELEM, OU DO PARÁ.

O RIO dos Tocantins, que junto á sua foz se chama rio do Pará, communica com o Amazonas por um canal d'agua salgada, e entre as embocaduras d'ambos está lançada a grande ilha de Marajó. Na margem direita do primeiro em praia baixa está a cidade de Santa Maria de Belem, capital da provincia do Pará, fundada em 1616 por Francisco Caldeira, em frente da ilha das onças, continuando apoz esta uma serie d'ilhotas. A cousa de uma legua da cidade (1), sobre um rochedo cercado d'agua, levanta-se o forte da Serra, sobranceiro ás barras, e que reconhece os navios antes d'entrarem no rio. Defendem a povoação duas fortalezas, ambas edificadas em rocha, mas em pouca altura; o arsenal está fóra do povo, a meio caminho da embocadura do Guama; e assevera-se que dos seus estaleiros já sahiram fragatas (2).

Diante do Pará o rio que corre entre a terra-firme e a ilha de Marajó tem perto de tres leguas de largo. Vista do ancoradouro a cidade, assentada em chão liso e baixo, parece que consta de duas ruas parallelas, encostadas a um fundo de mattas virgens, ás quaes os colonos conquistaram o espaço que occupam as casas. Deste ponto os primeiros edificios que dão na vista são a praça e a alfandega, situadas proximo á praia, e quasi no centro do alinhamento da casaria: por detraz surgem os campanarios da igreja das Mercês, mais ao longe o zimborio do templo de St.^a Anna, e ao norte St.^o Antonio, convento de capuchos que cerra a perspectiva. (Vi-

(1) As leguas, que apontamos neste artigo, são as francezas de 25 ao gráu.

(2) Seguimos nesta noticia sobre o Pará a D'Orbigny, cuja viagem se imprimiu em 1836, e que adoptou as informações dos celebres e acreditados alemães Spix e Martius.

de a estampa). Na extremidade mais ao sul vê-se o castello e o hospital militar, a que estão contiguos o seminario, e a sé com suas duas torres: e pela terra dentro descobre-se o palacio do governo, que foi construido sob a administração do irmão do marquez de Pombal. Penetrando na cidade conhece-se que excede o que inculcava o seu aspecto exterior: as casas, geralmente d'alvenaria, ora se alinham fazendo angulos rectos, ora formam amplas praças: raras passam de dois ou mais andares: até os edificios publicos são pouco elevados; apesar diso a sé não deixa de ser magestosa, e possui nas suas capellas quadros de mestres portuguezes de bastante merecimento. Fronteiro a esta cathedral está o pago do bispo. O palacio que mencionámos acima é vasto, com sacadas, e ornamentos externos de cantaria lavrada. O collegio e seminario dos jesuitas honram o espirito emprehendedor desta ordem, que foi tão poderosa: nelle hoje está o hospital. A alfandega tem sufficiente grandeza e accomodações proprias. As ruas são espaçosas, e muitas calçadas: a maior parte das casas são commodas habitações; mas os abastados teem a curtas distancias da cidade casas de recreio onde residem o mais do tempo, quando a provincia está liberta das dissensões civis.

Não ha mercado regular no Pará: as canôas chegam pela manhaã, sem dia nem hora fixa, e transportam para a venda os generos dos arredores. O gado e os cavallos vem da ilha de Marajó e ilhotas proximas. Uma particularidade curiosa se conta dos cavallos destes sitios, isto é, que á tarde os soltam os donos, e os deixam ir pastar sem guarda nem restricção, e que no outro dia cedo se appresentam á porta dos proprietarios, sem que preciso seja o procura-los e conduzi-los. A exportação do Pará con-

siste, além de outros generos, em cacáu, baunilha, piassaba, cravo do Maranhão, algodão, couros secos, salsa-parrilha, óleo de copahiba, e outras drogas, entrando também a gomma elastica, ou borraxa, que produz por incisão no tronco a arvore *caúchú*. As importações são pela maior parte manufacturas europeas, vinhos e outros objectos de menos importancia.

O Pará é a mais consideravel cidade da região do Amazonas, considerada como porto maritimo, e capital da porção do Brasil superior denominada o Grão-Pará, que se subdivide em tres comarcas ou districtos; o do Pará propriamente dito, o da Guyanna comprehendendo Rio Negro, e o dos Solimões: as divisões administrativas repartem a provincia nas comarcas de Rio Negro, do Pará, de Marajó: esta é a ilha do mesmo nome banhada ao norte pelo Oceano, e ao sul pelo canal de Tajipurú, com 30 leguas de S. a N. e 40 de L. a O.: rica, fertil e abundante em gados, só teme as frequentes inundações e o phenomeno medonho do *prorotoea*, de que já demos noticia a pag. 254 do 3.^o volume, tratando das marés.

Para o oriente da cidade mandou o governador conde d'Arcos esgotar, por meio de sargentas, um vasto terreno onde fez o passeio publico: julga-se que a este arvoredado deve a povoação a sua salubridade; porque apesar d'estar situada em baixa, e por 1.^o 28' de latit. austral, desconhece as doenças que assolam as Guyannas, e tem sido preservada da febre amarella, flagello daquellas paragens: as maiores molestias attacam a classe inferior do povo, e talvez procedam do mau alimento, que consta pela maior parte de farinha de pau ordinaria, de peixe e carne salgada: todavia tal é o gosto dos indigenas que preferem esta comida a qualquer outra.

Em 1820 a população do Pará era de 24:500 almas. Ha nesta cidade muitos habitantes de stirpe europea: e outros oriundos de colonos que vieram dos Açores, e que também residem nas fazendas mais proximas. Nas villas de Mazagão e Macapá ao norte do Amazonas ha muitos descendentes dos portuguezes, que por ordem do soberano abandonaram em 1769 a praça de Mazagão na costa d'Africa, e se estabeleceram no Brasil. Parece que a introdução d'escravos africanos começára quando elrei D. José promulgou a lei da alforria dos indios. Os habitantes das roças não differem, por usos e costumes, dos da cidade tanto como em outras partes mais meridionaes do imperio: arrogam a si, com mais ou menos direito, o titulo de *brancos*; e logo abaixo delles ha os *cafusos*, ou mestiços, gente inquieta, e que não póde manter iguaes pertencções. Estes cafusos vivem espalhados pelas circumvisinhanças da cidade, quer nas margens do rio Pará, quer ao norte nas aldeolas da ilha de Marajó. A ultima classe compõe-se de negros e indios: estes ultimos são livres, e, como os designa o epitheto local d'*indios mansos*, são não civilizados, mas domesticados. Esta classe, mui numerosa na provincia, conservou todos os caracteres geraes de suas respectivas raças. Molles e indolentes, com um bocado de chão cultivavel ao redor da choça e a visinhança de rios piscosos se contentam: mais completa civilisação lhes repugna, e longe de a desejarem a repellem. A população branca do Pará distingue-se pela sua actividade, franqueza, probidade, caracter serio e tranquillo, e benevola hospitalidade.

Se considerarmos agora as subdivisões geographicas da região do Amazonas, veremos que os escriptores assentaram nas seguintes: o Pará proprio, as bacias ou caldeiras do Xingú e dos topayos, e o

paiz dos mandrucús. O Pará, além da capital, tem Bragança, situada a tres leguas do Oceano sobre o pequeno rio Cayte, e dividida em duas metades por uma ponte, sendo a septentrional quasi exclusivamente habitada por indios: além desta nomeam-se também S. José de Cerredello e Ourem na margem direita do Guama; Cintra no rio Maracanã; Collares a obra de doze leguas da capital, n'uma ilha separada do continente por um pequeno canal; Villanova-d'elrei, um pouco acima da foz do Curuca, povoada em parte de indios cultivadores; Bayão, Pederneira, que são aldeias ricas; e Arcos, villa aborigene; sem contar uma infinidade de logares, que seriam hoje muito florescentes, se não fóra a discordia que ateou por vezes seu fogo para devastar esta bella provincia, que por seu clima e posição póde no futuro, sob auspicios de paz e tranquillidade, crescer e avultar entre as do imperio brasilico, quer se attenda ao numero de suas produções, quer ás relações de commercio com a Europa.

A bacia ou caldeira do Xingú tem povoações importantes. Villa Viçosa, cujo nome originario é Cameta, é antiga, e situada na margem esquerda do rio dos Tocantins; é ponto de grande monta como entremeio do commercio sertanejo; terá umas doze mil almas entre europeus, indios e mestiços: tem boas casas e bonitas igrejas. Aqui o rio fórma uma especie de vasta bahia de tres a quatro milhas de largura. A cinco leguas ao nordeste demora a ilha de Ararahy de tres leguas de circuito, terra estreita e chaã, que reparte o rio em duas grandes calhetas, chamadas a bahia de Marapatá, e a bahia do Limoeiro. A trinta leguas acima de Villa Viçosa sobre o mesmo Tocantins estão os fortes de Alcobaça e de Arrayos, destinados a facilitar e proteger a navegação para a provincia de Goyazes. Além destas terras mencionam os viajantes Garupa, Porto de Moz, e Melgaço, situada nas margens do lago de Anapu; e Pombal, villa que póde ser muito florescente.

A bacia ou caldeira do Topayos, habitada por muitas tribus indianas, entre outras villas comprehendendo Santarem, Souzel, Alter do Chão, que é situada sobre um lago proximo do Topayos; e Aveiro, que é pequena e pouco importante. O paiz dos mandrucus, além destes indios bellicosos, é occupado por outras tribus indias, como os yumas, os pammás, os murras, cada uma das quaes tem seus usos, idiomas, aldeias, e caudilhos differentes. Uns vivendo no estado selvagem nunca abandonaram os matos, outros vem habitar logarejos de mistura com os christãos, inclinam-se á cultura, e tomam algumas apparencias de civilisação. Os logares mais consideraveis deste paiz são, Villa-Franca ou Camarú, habitada por mestiços, sobre uma lagôa que se comunica com o Amazonas e o Topayos, consta de casas baixas quasi todas sem janellas, com tectos de colmo: Borba, terra pobre, á direita do rio Madeira; Villa-Boim e Pinhel, habitadas por indios. Assim encontramos em quasi todas estas povoações os nomes de cidades e villas do reino de Portugal; e se entrarmos pelo territorio da provincia denominada de Solimões, limitrophe do Pará, acharemos o Crato, sobre o Madeira, que é o porto das canoas que vem de Matto-Grosso, e póde vir a ser terra importante; nesta provincia ha também outras villas com nomes indigenas. A Guyanna portugueza, que fórma a parte do norte da região do Amazonas, prolonga-se desde o Rio-Negro até o Oceano, e da margem septentrional do mesmo Amazonas até a Guyanna franceza. Banhada por quatro rios consideraveis, o Yapura, o Rio-Negro, o Rio-Branco,

e o das Trombetas, é um paiz em grande parte deserto, se exceptuarmos as duas margens do segundo, e as raias da provincia dos Solimões, e ainda assim mesmo pertence quasi toda aos indios; comtudo ahi tornamos a encontrar nomes de terras de Portugal, como Arrayolos á borda do Amaruca, Esposende em situação elevada sobre o Tubare, Almeirim á beira do Parú, Montalegre, povoação rica n'uma ilha do Gurupatuba, Alemquer, que faz muito commercio e é agricultora, Obidos, Serpa n'uma ilhota do Amazonas, e as aldeias de Faro e Silves nas orlas de lagos do sertão. Na parte occidental, acima da barra de Rio-Negro, posto importante, segue a freguezia dedicada a Santo Elias, missão fundada na margem direita do rio; obra de 12 leguas acima e do mesmo lado está Mura, de agradável vista; dahi a 10 leguas, da mesma parte, fica a parochia do Carvoeiro, povoada de indios de varias castas, e acima della recebe o Rio-Negro o rio-Branco, o seu mais caudaloso tributario. Segue-se a missão de Poyares, depois a de Barcellos, que foi cabeça do districto e residencia de seus governadores; hoje está decahida, e compõe-se de mercadores, pescadores, e indios empregados na caça. A 16 leguas de Barcellos, está Moreira, e logo Thomar, em cujos arredores acampam os guerreiros manãos; a religião desta tribu, como a de todos os indios que mostram vestigios de alguma, admite dois deuses ou dois principios, o bom e o mau: seus ritos são supersticiosos, como era de esperar de semelhante gente. Continua a serie das povoações espalhadas a grandes distancias, até S. José dos Marabytanás, ultimo posto na fronteira, proximo do Cassiquiare, pelo qual communica o Amazonas com o Orenoco. Do Pará a S. José os marinheiros contam 500 leguas, e consomem tres mezes nesta viagem. Nas margens do Rio-Branco acham-se algumas parochias nas fronteiras a 350 leguas do Pará. Entre as aves magnificas, especiaes do districto de Rio-Branco, merece menção o gallo da serra, vestido de bellissima plumagem de formosa côr de laranja, e coroado com um penacho que abre e fecha como um leque. Este cocar vai desde a raiz do pescoço até ao bico; é tambem alaranjado, mas com uma admiravel orla côr de rosa. Esta ave é muito rara.

Fechamos aqui o presente artigo, porque mui longe nos levaria qualquer noticia que intentassemos dar das copiosas producções naturaes das provincias do Pará e limitrophes, principalmente nos reinos vegetal e animal. Os curiosos podem recorrer ás viagens impressas neste seculo, e aos livros dos naturalistas.

INSTRUÇÃO POPULAR.

Pestalozzi, Felleberg, Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis em Inglaterra.

Em um tempo, em que todos os homens instruidos do nosso paiz conhecem a necessidade da instrução do povo, para sobre ella ser edificado o systema da perfeição social, não será inutil tarefa a de fallarmos hoje, e darmos a conhecer aos nossos leitores o homem illustre que foi o primeiro que se lembrou de criar e estabelecer o systema de instrução popular: este homem honrado foi Pestalozzi, que penetrado da sublimidade daquella maxima do Evangelho — *os pobres são nossos irmãos* — applicou aos seus contemporaneos, e a praticou com todo o fervor.

Pestalozzi, que nascêra em Zurich, em 1746, soffreu na sua mocidade grandes privações; porque seu pai o deixou falto de meios, aprendeu portanto pe-

los males proprios a avaliar os alheios; dotado alem disso d'um espirito activo, emprehendedor e perseverante, consagrou toda a sua vida ao melhoramento e alivio da condigão dos miseraveis. Começou a sua carreira philantropica por uma especulação agricola, com o producto da qual esperava melhorar a sua sorte: fundou depois uma fabrica a que ajuntou uma escola de meninos, porque era maxima sua que o estudo deve ser o descanso do trabalho: a falta de fundos o apertou mais de uma vez, mas luctando constantemente contra a má fortuna partilhava o que tinha com os seus discipulos, e vivia como um pobre para ensinar os pobres a viver como homens. Depois de muitos annos de trabalhos e fadigas viu-se obrigado a deixar a fabrica; porem cada vez mais persuadido da excellencia dos seus projectos e ideias, continuou para os realisar a pôr em pratica os seus incansaveis esforços.

Apellar dos golpes da adversidade para a misericordia divina, tal era a disposição habitual do seu coração: as suas conversações, os seus escriptos e o seu modo de viver, tudo respira este sentimento, e por isso teve grande voga uma novella que publicou logo depois da ruina do seu estabelecimento: *Leonardo e Gertrudes* foi na Suissa um livro do povo; muitos parochos o lião aos seus freguezes, sentados todos á sombra da arvore da aldeia. — Pestalozzi viveu alguns annos retirado, depois do primeiro ensaio e ruina do seu estabelecimento. — No anno de 1798 o governo do cantão de Underwald o convidou a que estabelecesse uma escola no povo de Stantz, que tinha sido de todo arruinado e incendiado na guerra da revolução; Pestalozzi annuiu, e ainda que não lhe dessem nem elle tivesse cabedades para tal empreza, começou os seus novos trabalhos: os meninos acudiam de toda a parte; mas fracos da fome e da miseria, pallidos, quasi nús, e embrutecidos pelos padecimentos e pelos vicios: alguns se mostravam atrevidos e mentirosos, e finalmente corrompidos pelo habito de mendigar: outros havia que se mostravam soffredores e doceis, porem timidos em excesso, e inteiramente estranhos aos sentimentos de afeição ou amor. Pestalozzi em uma das suas cartas narra as experiencias que fez para que estes pobres meninos fossem curados das suas enfermidades moraes: digamos algumas destas experiencias que são muito instructivas. — O meu primeiro cuidado [diz elle] foi captivar a confiança dos meus discipulos e fazer-lhes meus amigos, conseguido isto tudo me foi facil; o estado de pobreza em que me achava concorreu muito para o meu intento; desamparado do mundo todos os meus cuidados se dirigiam á educação destes meninos, eu os consolava e tomava parte em suas penas, sempre com elles quando estavam com saude, e constantemente á cabeceira de seus leitos quando estavam doentes, a minha comida era a delles, dormiamos todos no mesmo aposento, de joelhos na minha cama eu resava com elles e lhes lia instrucções religiosas: no anno de 1799 contava 80 discipulos, a maior parte dos quaes annunciavam boas disposições, e alguns talento: no principio o estudo era uma novidade para estas creanças; depois á medida que faziam progressos augmentavam em assiduidade. Meninos que nunca tinham visto um livro estudavam de manhaã até a noite, e quando depois de cêa lhes perguntava — «meus amigos, que desejais mais, ir-vos deitar ou estudar ainda alguma cousa!» — Todos respondiam — vamos ainda estudar. — O impulso estava dado, o seu talento se desenvolvia com uma rapidez de que até eu me espantava, e em pouco tempo 80 meninos, quasi todos tirados da extrema miseria, viviam socegados uns

com os outros, e estudavam com uma applicação, e uma união que até entre irmãos raras vezes se encontra! Eu não estabelecia isto como preceito de moral ou de religião, mas chamava-os todos quando os via em silencio e em socego, e dizia-lhes = não é melhor isto, e não sois assim mais rasoaveis do que quando andais ás pancadas uns aos outros ou em disputas! = Quando vinham abraçar-me e chamar-me seu pai, lhes respondia: — «sim, chamais-me vosso pai, e vos mereço este nome pelo muito que vos amo; porem não tendes duvida em me affligir quando não estou comvosco, fazendo cousas que me desagradão. Será isto bom?» — Outras vezes contava-lhes a historia de uma familia bem regulada e virtuosa, que tendo alcançado a abundancia á força de trabalho, industria e economia, podia depois instruir e socorrer os pobres abandonados e infelizes: acabada a historia, voltando-me para os meus discipulos em quem tinha percebido mais disposições para a beneficencia, perguntava-lhes — «não desejariéis viver como eu no meio dos pobres, instrui-los nos seus deveres, e faze-los uteis a si e á sociedade?» — Sim, respondiam elles com as lagrimas nos olhos, nós obraremos como o nosso pai, e um dia vos imitaremos.» Quando Altorf foi queimada e reduzida a cinzas, juntei todos os meninos e lhes disse = Altorf está destruida, não ha alli pedra sobre pedra; talvez que a esta hora mais de cem pobres meninos estejam sem casa nem abrigo, e nem uma fatia de pão! Que vos parece? que supliquemos ao governo licença para receber na nossa casa vinte daquelles infelizes! Sim, responderam todos. — Tomai sentido no que dizeis, repliquei eu; nós temos pouco rendimento; talvez que o governo nos não possa dar quantia maior que a que dá presentemente, e por consequencia será necessario trabalharmos mais do que até aqui, e talvez mesmo, quem sabe! nos será forçoso repartir do nosso pão e dos nossos vestidos com os hospedes, e soffrer algumas privações por esta boa obra; estais resolvidos a isso?» Nós estamos decididos a tudo, responderam elles, chamai-os, chamai-os. — É neste estabelecimento de Stantz que Pestalozzi fez o ensaio, e poz em pratica o seu methodo de ensino mutuo, praticado mais tarde pelo Dr. Bell em Madrastra, e Lancastre em Inglaterra, sem que nem um nem outro tivessem tido noticia da descoberta anteriormente feita por Pestalozzi na Suissa. — A desgraça dos tempos, e as contrariedades de toda a especie, embaraçaram o andamento da obra daquelle homem benefico, justamente na epocha em que a experiencia tinha mostrado a sua utilidade: Pestalozzi retirou-se então para Burgdorff, no cantão de Berne, e ahi travou correspondencia com grande numero de homens instruidos que iam ter com elle para estudarem o seu methodo: o entusiasmo de Pestalozzi se communicava aos seus ouvintes de modo que cedo se apromptaram fundos para abrir uma nova escola, á qual concorriam de toda a parte alumnos das differentes classes da sociedade; o governo taubem se prestou a ajudar o novo estabelecimento; porem de novo as commoções politicas o destruíram: mas apesar de tudo isto, Pestalozzi não esmoreceu; a cinco milhas de Berne, na aldeia de Holwil, fundou uma escola dos pobres, e achou na pessoa de Fellemborg um digno socio: ambos elles executaram em grande os seus pensamentos e ideias, e então se conheceu que os talentos de Pestalozzi, e a sua aptidão para a instrucção e aperfeiçoamento dos homens, eram illimitados como o era a sua beneficencia. — Tendo confiado a direcção do estabelecimento de Holwil a Fellemborg, passou a fundar uma grande escola em Iverdun para o ensino

dos meninos das classes superiores da sociedade. O seu methodo se fez celebre na Alemanha e na Suissa, de sorte que os mancebos concorriam de toda a parte, e todos queriam ser ensinados por tal mestre: o collegio dividia-se em muitas classes, cada uma das quaes tinha um superior que vivia com os alumnos e participava com elles dos divertimentos, e deste modo captivava as suas affeições e confiança. As virtudes de Pestalozzi eram o vinculo que ligava mestres e discipulos: a piedade singela e verdadeira deste grande homem lhes ensinava a olhar para Deus como para um pai, sob a inspecção e patrocínio do qual todos estavam constantemente a toda a hora do dia e da noute: os discursos de Pestalozzi tendiam a mostrar que Deus estando presente a tudo, só no Omnipotente se devia pôr confiança. — Em quanto á religião, Pestalozzi limitava-se a inspirar aos seus alumnos um sentimento profundo de caridade e piedade; no mais, como no paiz havia diversos cultos, cada um seguia aquelle em que fóra creado. O espirito dos alumnos era cultivado por meio de observação e de raciocinios, em fim pelo exercicio constante das faculdades moraes e intellectuaes. O methodo de Pestalozzi tem defeitos, entre os quaes se póde contar o de prescindir demasiadamente do auxilio da leitura de livros; apesar disso porem é fóra de duvida que fortalece grandemente as faculdades da alma; este methodo consiste no exame e observação dos objectos exteriores, e nas reflexões que os alumnos communicam uns aos outros, pondo-se todo o cuidado em que sejam exactos e concludentes os raciocinios que fazem a este respeito. Os discursos dos mestres devem ser curtos, fixos, e tendo sempre em vista ensinar cousas essenciaes e não palavras: assim, por exemplo, Pestalozzi se serve, á similhaça dos antigos, da geometria para ensinar arithmetica: na sua escola tudo o que o alumno observa e pensa, é observado e pensado com toda a exactidão; tudo o que se lhes ensina fica gravado profundamente na memoria; os exercicios do corpo taubem se praticam, e são uma das bases do seu systema. — Este homem celebre morreu na Suissa em Fevereiro de 1827 com 81 annos de idade; o seu methodo foi seguido e aperfeiçoado pelo seu collaborador Fellemborg, que aproveitando-se da experiencia e dos factos o combinou com outros methodos, e fez delle applicação em grande e com os mais felizes resultados. — Os principios de Pestalozzi foram adoptados em França e na Alemanha, mas principalmente em Inglaterra, onde no anno de 1825 se formou uma sociedade composta dos nomes respeitaveis de Brougham, John Russel, Lusington, Allan, duque de Bedford, &c. — Esta sociedade tem feito os maiores serviços ao seu paiz e á humanidade, não só propagando os conhecimentos uteis entre as classes populares, mas taubem pelos auxilios que tem prestado aos homens de talento ajudando-os a publicar e a imprimir as suas obras. — Os limites deste artigo não nos permittem dar todo o desenvolvimento que desejaríamos a esta materia; porem convidamos os nossos leitores a que procurem ler o livro que M. Brougham publicou sobre a = educação popular. = Mais de vinte edições deste livro mostram que a sua utilidade tem sido geralmente apreciada.

X. d'A.

D. JOÃO DE CASTRO EM CAMBAYA.

No ANNO de 1547, achando-se D. João de Castro, governador da India, nas terras de Cambaya com dois mil portuguezes, appresentou batalha ao sultão,

que se achava á vista com um poderosissimo exercito que constava de dusesentos mil combatentes, e esperou tres dias na campanha, sem que os inimigos se animassem a acceitar o desafio, antes se retiraram vil e vergonhosamente. Foi esta acção a mais gloriosa, que, sem sangue, conseguiram os portuguezes na India. Por aquelle tempo dizia o governador com galanteria militar para horror dos mouros e gentios: *Que havia de assar vivo o sultão*; e, ou em prova e consequencia do dito, ou para outro effeito, mandou fazer uns espetos muito grandes. Costumavam os soldados daquelle tempo trazer nos cintos umas machadinhas mui polidas, e diziam que eram para cortar as adriças e enxarcias dos navios de preza, mas o seu uso mais vulgar era arrombar caixas e fardos. Desgostava-se D. João de Castro daquelles instrumentos, que mais serviam ao interesse do que ao valor; e censurando por esta causa a um soldado ordinario, respondeu este com mais que ordinaria agudeza: *Senhor, sem esta machadinha não servem os espetos de V. S.^a, porque não poderemos assar inteiro a elrei de Cambaya.*

Fig. 1.^a



A RAPARIGA INVISIVEL.

Esta experiencia de *magica natural*, fundada n'uma illusão d'acustica, foi invenção do physico francez Mr. Charles. Executa-se mediante um apparelho que a 1.^a figura representa em perspectiva: a 2.^a figura mostra o plano, e a 3.^a o corte. Os quatro pés A A A A, na parte superior estão unidos por quatro travessas B B, e na inferior por outras quatro. Quatro fortes arames curvos a a a a sahem destes pés e juntam-se no ponto c. Uma bola ôca de latão M, de obra de palmo e meio de diametro, está suspensa dos arames por quatro fitas b b b b. Finalmente, nesta bola estão fixas quatro trombetas T T T T com as bocas para fóra.

Fig. 2.^a

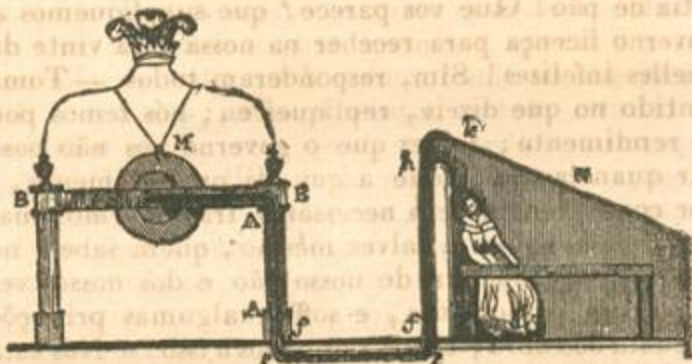


Eis-aqui toda a parte do jogo da experiencia, que é vista pelos espectadores, e que bem pregada no solho e no meio da casa, parece comtudo um traste

que se poderia mudar para outro lugar do aposento. A pessoa convidada para fazer qualquer pergunta chega a boca á extremidade d'uma das trombetas, que está voltada para fóra, e falla; e logo todas as trombetas lhe respondem tão alto quanto é bastante para ouvirem as pessoas que applicarem o ouvido a quaesquer das trombetas. O metal da voz parece de creança, mas quem falla é mulher que tem educação e viveza para responder com acerto ás perguntas, ás vezes subtis, que os espectadores fazem.

A bola M e as suas trombetas estão perfeitamente desacompanhadas, sem communicação com algum corpo capaz de conduzir o som: como pôde ver-se fazendo oscillar a bola, e apalpando as fitas que, por via de regra, como todos os tecidos flexiveis, são mais proprias para enfraquecer os sons do que para os propagar. Quanto ao quadro A B, formado das peças acima ditas, parece que não tem outro uso senão sustentar a bola M com suas trombetas, e defende-la de qualquer pancada que podesse casualmente receber; portanto os espectadores por muito que examinem e discorram ficam enganados; e o meio é o seguinte. Em duas das vergas ou travessas horisontaes B B [fig. 2.^a] ha um tubo pequeno com as aberturas em frente de duas das trombetas, e que communica com outro tubo que desce pelo interior de um dos pés A, como se vê na fig. 3.^a,

Fig. 3.^a



e por baixo do solho da casa ff, penetrando depois na direcção fh no quarto N, onde está a mulher invisivel. No tabique que separa este quarto N da casa, onde está a maquina, ha um furo mui pequeno por onde a mulher espreita o que se passa na assemblea, e por onde divisa os signaes que lhe faz a pessoa que entra neste segredo. Quando qualquer pergunta por uma das trombetas, os tubos occultos transmittem os sons á mulher invisivel, e pelos mesmos dá ella as respostas, resultando da fórma dos tubos a estranheza da voz. O que mais admira é que as perguntas são feitas quasi sempre em tom baixo e no meio de bulha, de modo que as não ouvem as pessoas mais chegadas a quem as faz; e as respostas vem sempre acertadas, e ás vezes engenhosas, com allusões a circumstancias que parece só deviam conhecer os que estão na sala. Por aqui se vê que as habilidades, que o vulgo credulo reputa feitiçaria, procedem de methodos engenhosos, praticados com pericia e desembaraço.

O CONGO.

O Congo, ou Manicongo, [que d'um e d'outro modo escrevem nossos chronistas] é paiz d'Africa, contiguo ás possessões portuguezas d'Angola. Foi descoberto no anno de 1485 por Diogo Cão, quando pela segunda vez foi por capitão-mor d'uma frota á costa de Guiné, já em procura do caminho da India, que a sorte havia reservado ao immortal Vasco da Gama.

trilhar pela primeira vez. Diogo Cão assentou logo pazes, e travou alliança com o rei do Congo em nome d'elrei D. João 2.^o de Portugal; e por tal arte souberam os portuguezes ganhar a confiança das gentes do Congo, que o rei, com toda a sua familia, e muitos grandes e gente do povo, se converteram logo á fé catholica; e nos nomes, nos appellidos, nos titulos de nobreza, e em outras circumstancias do governo politico copiaram os usos e costumes de Portugal. Houve pois no Congo duques, marquezes, e condes, que se trataram de *dom*, e se assignaram á portugueza Silvas, Sousas, Attaides, &c. E para que a tão illustres personagens não faltassem braços, que levassem á posteridade suas façanhas, teve elrei D. Manuel o cuidado de mandar ao rei do Congo o escudo d'armas, com mais outros vinte escudos para a nobreza principal. Poremos aqui a especie de decreto, com que o rei do Congo publicou o seu novo brazão, por isso que contem uma resumida historia dos factos, a que no brazão se allude, e é de teor differente d'outro, que Damião de Goes traz no cap. 38 da 3.^a parte da chronica d'elrei D. Manuel, por occasião de referir este mesmo successo. Diz pois assim o tal decreto, que trasladámos d'um antigo manuscrito.

«D. Afonso por graça de Deus rei de Manicongo, e de todas suas terras e senhorios, fazemos saber a todos os fieis e infieis, que sendo eu infiel e no serviço e adoração dos idolos, como todos os nossos antecessores e gentes destes reinos e senhorios de toda a Ethiopia, sem em tempo algum haver tido noticia e fé de Nosso Senhor Jesus Christo; elle por sua infinita piedade e misericordia, que nunca desamparou aquelles, que desejo tiveram de o conhecer, quiz e permittiu que elrei de Portugal D. João, o segundo do nome, no anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1487, tendo informação alguma de em nossa terra haver disposição para em ella se prantar a fé de Nosso Senhor, enviasse a elrei meu pai e a nós pessoas, que no-la ensinassem, e trabalhassem que a quizessem conhecer, do que a nós muito prouve: e conhecendo o erro e cegueira em que até alli estavamos, recebemos agua do santo baptismo depois d'elrei meu pai, e assi a receberam alguns senhores e fidalgos de nossa terra, dando muitas graças a Nosso Senhor pela grande e inestimavel mercê que delle recebemos em nos tirar da sujeição e captiveiro do diabo, e não sómente nos querer trazer para si, mas ainda nos querer fazer seus filhos por adopção. E depois elrei D. Manuel, successor do dito rei D. João 2.^o de Portugal, enviou a nós por vezes sacerdotes religiosos, que foi grande ajuda para que a fé de Nosso Senhor fosse mais estimada e accrescentada em nossos reinos e senhorios; o qual accrescentamento da santa fé catholica, trabalhando nós assi, e procurando-o com todas nossas forças e desejos, elrei meu pai falleceu da vida deste mundo, e sendo nós dello certo, partimos de nossas terras onde estavamos, para a cidade de Manicongo, onde se havia de tomar a posse do reino, segundo nossos antigos costumes; e pelo caminho ser longo, e os christãos ainda poucos, e nós não consentirmos infiel algum em nossa companhia, chegámos a nossa cidade com sós trinta e sete pessoas, gente fidalga, e os outros bons criados e servidores nossos, onde estava meu irmão, que á fé de Nosso Senhor nunca se quiz converter, e por isso todo o povo, que quasi todo era infiel e adorava os idolos, o queriam fazer rei, o qual veio contra nós com grande poder de gente, assi da cidade, que era grande, como de fóra. E nós, posto que comnosco não tivéssemos mais que os ditos trinta e sete chris-

tãos, lembrando-nos que para o poder de Nosso Senhor não havia necessidade de muitas gentes, senão do seu querer, e confiando nelle que pois nos dera conhecimento de sua fé, tambem nos daria ajuda contra aquelles que della eram inimigos, e desprezadores de a quererem receber, sendo-lhes offerecida: determinámos de os esperar e pelejar com elles. E sendo já grão numero de frechas sobre nós, e querendo-nos mais chegar para virmos ás azagaias e espadas, bradámos nós e os nossos por o bemaventurado apostolo São Thiago, e logo milagrosamente vimos todos os nossos inimigos virar as costas e fugir quanto cada um mais podia, sem sabermos a causa de seu desbarato, o qual seguimos, e no alcance grande numero de gente falleceu, sem algum dos nossos nesse conto entrar. E depois de acabada a victoria soubemos dos que da peleja escaparam sem desvairo algum que a causa de sua fugida fóra, quando chamámos o apostolo São Thiago, ser delles todos visto, e uma cruz branca no meio, e grande numero de gente a cavallo armada, a qual lhes pozera tão grande espanto, que não poderam mais soffrer, senão metter-se logo em fugida. Pelo qual nos pareceu cousa mui devida, alem das muitas graças e louvores, que a Nosso Senhor démos por tão grande mercê e misericordia, que comnosco e com todos os nossos usou, e por tão claro e evidente milagre, e tanta victoria, fazemos uma tal memoria e lembrança em nossas armas, que os reis, que depois vierem no reino e senhorio de Manicongo, se não possam em tempo algum esquecer desta tão grande mercê e beneficio, que tão maravilhosamente por seu rei e reino e gente fez. As quaes armas são as seguintes:

«O campo vermelho, e o chefe do escudo azul, e nelle uma cruz de prata florida, e em cada canto do chefe duas vieiras d'ouro, e um pé de prata com um escudo dos cinco de Portugal, que é de azul com cinco vasantes de prata em aspa; e de cada parte do dito escudo está um idolo negro quebrado, e a cabeça para baixo. E sobre o vermelho estão cinco braços armados com senhas espadas nas mãos, e com os punhos nas mãos; e o elmo d'ouro aberto, e em cima uma corôa de rei, e o timbre os cinco braços com suas maças d'ouro nas mãos.»

O rei do Congo ao principio usava do titulo de rei do Congo e senhor dos ambudos; mas ao depois [parece que por inveja do longo ditado dos reis de Portugal] accrescentou os seus titulos desta maneira = D. N. por divina graça augmentador da conversão da fé de Jesus Christo, defensor della nestas partes da Ethiopia, rei do antiquissimo reino do Congo, Angola, Matamba, Veangá, Cundi, Lulha e Sonso, Senhor dos Ambudos e dos Matambulas [que se interpretam homens mortos e resuscitados], e de outros muitos reinos e senhorios a elles comarcões daquem e dalem, e do mui espantossimo rio Zaire, suas margens e aguas vertentes, e de toda a costa do mar salgado e suas praias, &c. =

Aos nomes e appellidos portuguezes juntavam os manicongos outros appellidos de sua invenção, e declarativos de algum passo da escriptura, ou santo da sua particular devoção, ou de submissão e lisonja para com seus reis. A este respeito são curiosas as assignaturas do manifesto, que o rei do Congo D. Antonio, primeiro do nome, publicou em 1665, declarando a guerra aos portuguezes, e vem no *Mercurio Portuguez* de Antonio de Sousa de Macedo, jornal que [para o dizer de passagem] devia andar nas mãos de todos os redactores nossos contemporaneos, para alli aprenderem o que é elegancia e dignidade de um escripto destinado a dirigir a opinião

publica. Termina pois o manifesto — Dado, passado nesta corte do Congo, cidade de São Salvador, no tribunal do estrondo da guerra, perante os do supremo conselho, pelo secretario menor D. Raphael Afonso de Attaide, gentil homem como cedro do monte Libano, por mandado do secretario maior da puridade D. Calisto Sebastião Castello-Branco lagrymas da Magdalena ao pé da cruz do monte calvario, aos 13 de Julho de 1665. — [Assignado]. Rei. [E logo abaixo os seguintes] D. Geraldo Zilote Manuel Arrependimento de São Pedro no concavo da terra, justiça maior. D. Christovão de Aragão dos Vieiras da feliz memoria, justiça menor. Dô presidente D. Miguel Tercio pello de tres altos para borzequins que cobrem os pés d'elrei meu senhor. —

J. H. da C. R.

ESCOLHA DE COMPANHIAS.

UMA das inelinações que mais convem excitar no animo da mocidade inexperta é a das boas companhias, que conviria fossem sempre compostas de pessoas superiores não só em graduação, como em talento e ascendencia, as unicas que, geralmente fallando, teem admisión na boa sociedade. Verdade é que se observa frequentemente que alguns individuos em quem se não dão taes qualificações são mui bem recebidos; mas cumpre notar que essa tolerancia nunca recae em homens de rasteira condição, ou de character decididamente infame e vil.

As maneiras polidas e a belleza de linguagem só se aprendem na companhia culta, que é aonde se reúnem as pessoas instruidas, que por genio e timbre fazem particular estudo d'aquellas materias.

Poder-nos-hão objectar que nem todos os individuos teem occasião de frequentar polidas sociedades. A isso responderemos que sempre as obterá com mais ou menos facilidade a pessoa que por suas circumstancias possa viver como cavalheiro; e uma vez alli admittida, a instrucção, boa educação e modestia lhe grangearão a estima dos individuos que a ella igualmente concorrerem, e cuja intimidade e relações lhe serão proveitosas. Tenha-se sempre presente que a polidez é a qualidade mais necessaria, e a em que mais podemos confiar: sem ella todas as outras habilitações, posto que apreciaveis, de pouco ou quasi nada servirão: sem ella o estudioso dado ás letras é sempre tido em conta de pedante; e sem ella, finalmente, o homem que mais meritos possua será por todos olhado como um rustico.

Não aconselharemos todavia os jovens a que se dediquem absolutamente ao trato dos homens de letras, com o qual, ainda que vantajoso seja ao progresso do espirito, se não aprendem certas maneiras que o mundo tanto aprecia, e de que não faz caso o litterato que viaja quasi sempre pelas regiões superiores. Isto não é reprovar as relações com uma classe tão respeitavel; bem pelo contrario as achamos de summa utilidade, não havendo demasiada frequencia.

As companhias de que todos, e principalmente os mancebos bem educados, se devem desviar, são as das pessoas tão rasteiras de condição como de porte e maneiras. Semelhante gente, destituida de todo o merito e habilitação, procura sempre a companhia dos que lhe são superiores, e em quem, para captar sympathias, louvam com fingido enthusiasmo qualquer vicio, ou extravagante loucura.

Muitos mancebos haverá adornados de prudencia e são juizo, a quem taes vilezas não fascinem; no entanto se se virem applaudidos e admirados como

pessoas de grande capacidade; se a lisonja, embuçada no manto da hypocrisia, representar bem o seu papel, então a sua victima, cheia d'uma vaidade orgulhosa, cae na rede que se lhe armou, começa a amar o que até alli aborreceu, e cria estreitas relações com individuos que veem por fim a causar-lhe total ruina.

A sociedade infima é quasi sempre viciosa, porque a ignorancia, que anda ordinariamente associada ao vicio, tem nella a sua séde. A boa companhia, porem, não participa tanto deste mal; e se de algumas pessoas que as frequentam ouvimos contar cousas desagradaveis, podemos ficar certos que não são alli tão estimados ou respeitados como o seriam se taes defeitos não possuíssem. O contrario disto acontece nas sociedades infimas, porque nellas se admiram e applaudem com frequencia vicios sobre os quaes toda a sociedade decente e grave lança um completo anathema.

Recommendamos portanto aos mancebos incautos que fujam das companhias abjectas, porque o frequentar-las é o primeiro passo para a depravação mental. Pedimos-lhes que procurem antes imitar as maneiras graves e sisudas das pessoas bem educadas, na certeza de que se alguns defeitos nestas se notarem, serão sempre na razão de um para cem em relação aos que nas outras se encontram. Todavia declararemos que isto não se entende absolutamente de todas as classes rasteiras, mas sim das companhias abjectas por seus vicios e desordens.

EFEITOS DO EXERCICIO.

NADA contribue tanto para o augmento da força muscular como o exercicio diario e regular. Homens ha que não se achando com animo de caminhar uma legua em vinte e quatro horas, teem conseguido, mediante o exercicio d'algumas semanas, poder andar diariamente oito ou dez leguas. É pois ao movimento constante e bem dirigido que devemos attribuir o extraordinario vigor que tanto admiramos em alguns homens. E se o exercicio póde augmentar a vitalidade dos membros do corpo humano, por que motivo não ha-de elle prolongar a existencia de toda a machina?

Cumpre tambem observar que do exercicio corporeo resultará muito maior beneficio se caminhar ao lado do progresso mental. Quem poder combinar com aquelle alguma diversão scientifica, ou negocio particular, ha-de obter do exercicio maiores vantagens do que se o limitar a um movimento meramente mechanico. Em todos os paizes se sentem quotidianamente os bons effeitos que provém do exercicio mental e corporeo. Nós que os vemos e admiramos suppomo-los quasi sempre dotes da natureza, quando não são mais do que resultados do exercicio methodico, com o qual todos podem alcançar iguaes vantagens.

Os erros de dieta, de exercicio muscular, de vestuario, e ventilação: as doenças mentaes que resultam destes erros, e de alguma intensa actividade mental, ou prolongada inquietação, originam muitas enfermidades que se evitam facilmente quando ha cuidado e bom regimen, e se enfream as paixões que sempre nos guiam para o mal.

Ha noticias biographicas dos antigos e bastantes exemplos dos modernos, que mostram claramente que na mão de cada um, geralmente fallando, estão os meios de conservar a saude, prolongar a existencia, e augmentar a felicidade. Os meios de alcançar tantos bens reduzem-se á attenção e pratica judicio-

sas de cousas triviaes na apparencia. Poderiamos aqui citar grandissimo numero de pessoas a quem o regular exercicio corporeo deu larga vida, acompanhada de vigorosa saude.

Galeno, posto que de delicada constituição até os trinta annos, conseguiu por aquelles meios chegar a avançada idade. O mesmo se refere de Herodoto, mestre de Hipocrates, que muito soffrera na mocidade por causa da abundancia de humores. Socrates e Agesilau estavam tão convencidos dos bons effeitos do exercicio que o recommendavam constantemente a toda a gente. Asclepiades, famoso medico da antiguidade, declarou publicamente que quereria passar por idiota se a sua morte não fosse só devida a velhice, ou a alguma outra causa acima do poder humano; e não errou o calculo, porque como seguisse sem desvio as leis da natureza, viveu mais de cem annos com perfeita saude, morrendo porfim de uma queda desastrada.

BATALHA DOS ATOLEIROS.

A PRIMEIRA victoria que conseguiu dos castelhanos o grande D. Nuno Alvares Pereira foi a dos Atoleiros, assim chamada por ter succedido em um lugar deste nome junto á villa de Fronteira, na provincia do Alemtejo. Viera sobre Lisboa com formidavel poder elrei de Castella, D. João 1.^o, e para dividir as nossas pequenas forças mandou que um bom numero das suas tropas entrasse naquella provincia. Havia o povo nomeado defensor do reino ao Mestre de Aviz, o qual se achava com mais brios do que meios para o desempenho de tão ardua empreza. Juntas as forças que o seguiam apenas bastavam para defender Lisboa: — dividi-las era perde-la e perder-se. Por outra parte gemiam no Alemtejo os que haviam abraçado o seu partido, e eram por extremo grandes as tirannias e crueldades que nelles executavam os castelhanos, como se fossem gloriosos os golpes que cortam pelos que se rendem desarmados e indefezos. Estas causas resolveram o Mestre, vencendo grandes difficuldades, a acudir a este damno, mandando passar ao Alemtejo o grande condestavel.

Obedeceu este promptamente, e chegando a Evora, capital daquella provincia, juntou um pequeno troço de gente, que pouco excedia de 1:000 infantes, 300 cavallos, e 100 bésteiros, e com elles se fez na volta do inimigo, cujo exercito constava de mil cavallos, e muito maior numero de infantaria, de que eram capitães Diogo Gomes Barroso, mestre d'Alcantara; D. Pedro Alvares Pereira, mestre de S. João; D. João Affonso de Gusmão, conde de Niebla; Fernão Sanches de Tovar, almirante de Castella; Pedro Ponce, senhor de Marchena; Pedro Gonçalves de Sevilha, adiantado de Andaluzia, e outros muitos senhores, não menos illustres em sangue, que famosos em acções. Sim era para temer o conflicto á vista de tanta desigualdade; mas no coração de Nuno Alvares jámais entrou temor. Soube que os castelhanos se chegavam, e muito contente com esta nova fez alto no lugar dos Atoleiros [que por este successo se fez celebre], e formando os seus soldados os animou com palavras breves e resolutas, e muito mais com a serenidade e alegria de rosto, aonde se viam evidentes annuncios da victoria.

Outros eram os pensamentos dos inimigos. Julgavam-se facilmente vencedores, olhando com desprezo para os nossos, vendo-os poucos, mal vestidos, e peor disciplinados. Começou o combate de ambos os lados com vigoroso impulso: — uns clamavam Sanctiago e Castella; outros S. Jorge e Portugal — e

uns e outros se feriam sem piedade, e se matavam sem horror. As exhortações dos capitães, os golpes dos soldados, as queixas dos feridos, e as ancias dos agonisantes formavam uma confusão medonha. Por muito tempo esteve duvidoso o resultado, até que os portuguezes, animados com a voz, e muito mais com os exemplos do famosissimo Pereira, carregaram os inimigos com tanto ardor que os romperam e derrotaram inteiramente. Morreram muitos na batalha, e muitos mais delles no alcance, que se estendeu por espaço d'uma legua. Entre os mortos foram os principaes o mestre d'Alcantara Diogo Gomes Barroso, e o adiantado de Andaluzia Pedro Gonçalves: entre os feridos o almirante de Castella, o prior de S. João e outros. Com esta victoria começou a respirar a provincia do Alemtejo, e os castelhanos começaram a conhecer que tinham em Nuno Alvares um forte e fatal inimigo.

O BISPO SOLDADO E SANCTO.

D. SUEIRO GOMES, bispo de Lisboa, varão de estremada virtude e de insigne valor, promoveu e conseguiu a conquista d'Alcacer do Sal pelos annos de 1219. Depois se retirou a Santarem, e recebendo o habito da sagrada religião dos prégadores, que então começava a florescer, alli morreu santissimamente a 29 de Janeiro de 1232.

CERTO grave e piedosa cousa d'ouvir! Ver uma nação a que Deus deu tanto animo, que, se tivera creado outros mundos, já lá tivera mettido outros padrões de victorias, assim é descuidada na posteridade de seu nome, como se não fosse tão grande louvor dilata-lo por penna, como ganha-lo pela lança.

BARROS.

RETIRANDO-SE elrei D. João 1.^o para Sacavem por causa do contagio da peste que havia nesta côrte, succedeu ser accommettida do mal a rainha D. Philippa sua mulher; e querendo obriga-lo seus filhos e os fidalgos a que a deixasse, por evitar o perigo a que estava exposto, respondeu que *seria injusto desamparar na morte a quem lhe fizera tão boa companhia na vida.*

Rectificação do artigo ácerca da Duqueza d'Abrantes. — Quando a pag. 69 deste vol. inserimos uma brevissima noticia da vida e escriptos de M.^{me} d'Abrantes, para acompanhar o seu retrato, escrevemos por engano que seu marido fôra morto em combate; o general Junot falleceu em Mont-bard [Côte d'or] em consequencia de feridas que a si mesmo fizera por alienação mental. Naquelle artigo, por melindre nacional, deixámos de fazer menção de Junot, cujo nome entre nós é justamente impopular; mas pedia a justiça litteraria que, appresentando o retrato da sua viuva, apesar de ser o povo portuguez maltratado em algumas passagens das *Memorias* desta senhora, julgássemos os seus escriptos com a imparcialidade com que costumámos escrever.

Erratas relativas aos 3.^o e 4.^o artigos sobre Elvas.

Panorama N. ^o 143 —		
Pag. 26, lin. 36 da 2. ^a col., onde diz	Prato — lea-se	Prata.
37 idem.	Canção „	Canção.
Panorama N. ^o 144 —		
Pag. 38, lin. 17 da 1. ^a col.	„	separados — destacações.
— 34 idem.	„	assentadas — assediadas.
— 24 da 2. ^a col.	„	ornamento — armamento.
— 52 idem.	„	fossos — fojos.
39, — 36 da 1. ^a col.	„	ornamento — armamento.